



MARCS



Em busca de liberdade para algumas figuras que nasceram confinadas a uma folha de papel

O título serve para a série toda e não surgiu por acaso, mas brotou de repente definindo pra mim mesma alguma coisa, o próprio fato meio absurdo de sentir uma necessidade diária e compulsiva de pegar em um lápis, uma caneta, uma folha de papel e desenhar. E, há muito tempo já, estes rabiscos e desenhos foram tomando um rumo, foram se repetindo estas figuras que não precisavam nem nascer e nascem amarradas, presas, sentadas eternamente em cadeiras que já se confundiram com o seu corpo, dentro de caixas, de olhos vendados ou sem coragem de tirar uma gravata

que já ficou fazendo parte do seu pescoço para sempre. E elas surgem com uma ambigüidade muito grande ao mesmo tempo, talvez porque saibam que carregam dentro delas mesmas a sua possibilidade de serem livres. Exatamente como acontece com a gente, aqui do lado de fora da folha de papel, podendo escolher ou não a nossa liberdade.

O gesto (ou ato ?) do desenho, que fez com que elas nascessem amarradas, também é ambíguo na medida em que é ao mesmo tempo uma tentativa de libertá-las. As figuras vão sendo criadas sem saída aparente, condicionadas desde o momento em que surgem no papel e, no entanto, a própria necessidade de desenhá-las assim, poderia ser entendida como uma maneira de acreditar que exista alguma saída para elas.

A opção pelo desenho já é de certa forma uma opção de liberdade. Ele talvez ainda seja dentro das outras formas de expressão plástica a mais livre, a menos condicionada a qualquer tipo de pressão. O gesto de quem desenha é como o gesto de quem escreve. E quando a gente escreve, o que a gente tem na frente é só uma folha de papel em branco nos desafiando, e de repente esta folha vai sendo invadida por palavras, que vão se juntando como se umas estivessem puxando as outras. Quando se desenha, a folha em branco é o mesmo desafio e as linhas vão trazendo outras linhas da mesma maneira que as palavras. Enquanto a gente escreve, as palavras nos ajudam a explicarmos a nós mesmos alguma coisa que não estava bem clara antes e, desta maneira, vamos nos libertando de alguma coisa que estava dentro de nós. Quando se termina um desenho, esta sensação de ter clareado, explicado alguma coisa dentro da gente é a mesma. Então, quando alguém está desenhando, já deve estar exercendo de alguma maneira, em algum plano, a sua liberdade ou libertação. O gesto de pegar um lápis e um papel para desenhar pode ser uma tentativa de libertação daquilo que está dentro da gente, uma maneira de ir conseguindo ficar mais livre à medida que se vai encontrando soluções para problemas inventados por nós mesmos.

Esta série de desenhos pode ser entendida como uma busca de liberdade em vários planos. É antes de tudo uma vontade de acreditar na liberdade. Uma maneira de gritar contra a falta de liberdade que as pessoas vão se impondo a elas mesmas durante a vida. A falta de coragem de tirar uma gravata ou descolar a venda invisível que já está colada em tantos olhos, as correntes com que elas próprias se amarram em cadeiras e poltronas onde vão engordando tranquilamente a vida inteira, a mordada que as impede de dizerem as coisas que elas realmente têm vontade de dizer.

Ana Luiza Alegria
Setembro 1976

Ana Luiza Alegria

(5 de maio de 1947 – Porto Alegre, RS)

Em 1968 concluiu o curso de Letras da UFRGS, no ano seguinte ingressou no curso de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UFRGS, estudou desenho e gravura, e não concluiu o curso. Fez cursos de desenho com Vasco Prado e gravura em metal com Iberê Camargo (1970) e José Assumpção de Souza (1974 – 8º Festival de Inverno de Ouro Preto). Frequentou os cursos de desenho e gravura em metal do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre (1973/74/75). De 1970 a 1976 participou de diversas exposições coletivas, entre elas:

- 1970 – “Expo – Arte DCE – PUC” – Menção honrosa
“3º Salão de Arte de Minas Gerais”, Belo Horizonte
- 1971 – “5º Salão Cidade de Porto Alegre”, Porto Alegre, RS
“4º Salão CATC”, Porto Alegre – Menção honrosa
- 1972 – “4º Salão do Artista Jovem”, Campinas, SP
“Mostra de Arte Sesquicentenário da Independência”, Porto Alegre
“Brasil Plástica 72”, Ibirapuera, São Paulo, SP
“4º MUTEPLA” (Música, Teatro e Artes Plásticas) – Instituto de Artes da UFRGS – Prêmio de desenho
- 1973 – “ 40 Artistas do Sul”, Gramado, RS
“Mostra de três desenhistas gaúchos” – Galeria Gerdau, Porto Alegre
“ 30º Salão Paranaense”, Curitiba, PR
- 1974 – “Salão de Arte Jovem” do Centro Cultural Brasil – Estados Unidos, Santos, SP – 1º Prêmio em Artes Gráficas
“3º Salão O Jovem Artista”, Galeria Yázigi, Porto Alegre – Menção honrosa
“31º Salão Paranaense”, Curitiba, PR
“Álbuns de gravura e desenho de vinte artistas gaúchos”, Galeria Gerdau, Porto Alegre
- 1975 – “3º Salão de Artes Visuais da UFRGS”, Porto Alegre, RS
“4º Salão de Arte Universitária”, Porto Alegre – 3º Prêmio
“Mostra de artistas gaúchos e primitivos”, Galeria Guignard, Porto Alegre
- 1976 – “Arte Agora I – Brasil 70-75” (Promoção Light – Jornal do Brasil), Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro



**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL**

**convidam
para a exposição de desenhos de
ANA LUIZA ALEGRIA**

**inauguração
dia 15 de setembro de 1976
às 19 horas**

**Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Av. Salgado Filho, 235 — 1º andar**

**Período da exposição:
15 de setembro a 4 de outubro de 1976**

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Salgado Filho, 235 - 1º Andar - Porto Alegre — RS